

LEITURA: UMA REDE INFINITA DE RELAÇÕES

Desvendando, na prática, os mistérios do texto:

Um exercício de leitura sobre o poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto”

Profª Drª. Suzete Maria Santin

RESUMO

Quando o assunto é leitura, parece que o tema já está esgotado, que não há muito o que se falar, pois já foram tantos os estudiosos que se debruçaram sobre essa questão. Contudo, o chão da escola sinaliza que as falhas continuam a existir e que o tema ainda não recebe o devido respeito neste espaço, mesmo com tantas discussões já empreendidas. Este ensaio tem o objetivo de não deixar essa discussão em *stand by*, o termo é para dar ao texto um pouco mais de leveza, já que é assim que pretendo desenvolvê-lo, fazendo o leitor participar dessa conversa séria, mas leve sobre o ato de ler, sobre a infinita rede de relações da leitura. Pretende ser um exercício de leitura, desvenda o passo a passo de uma análise textual tendo como mote o poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto.

Palavras-chave: Leitura. Ato de ler. Análise de texto poético. Exercício de leitura.

ABSTRACT

When the subject is reading, it seems that the theme is already exhausted, that there is not much to talk about, because there have already been so many scholars who have addressed this issue. However, the school floor indicates that the flaws still exist and that the issue still does not receive due respect in this space, even with so many discussions already undertaken. This essay aims not to leave this discussion in stand by, the term is to give the text a little more lightness, since that is how I intend to develop it, making the reader participate in this serious but light conversation about the act of reading, about the infinite network of relations of reading. It intend to be a reading exercise, it unveils the step by step of a textual analysis having as motto the poem "Tecendo a manhã", of João Cabral de Melo Neto.

Key words: Reading. Act of reading. Analysis of poetic text. Reading exercise

Tecendo a Manhã

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

MELLO NETO, João Cabral de. *Poesias completas*.
3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979. p. 19-20.

Sobre o quê, de fato, assenta-se ordinariamente o desenvolvimento da experiência de ler? Essa é a questão que pretendo desenvolver neste primeiro momento, tomando por base a **História da Leitura no Mundo Ocidental**, de Rooger Chartier e Guglielmo Cavallo. Prioritariamente, para responder à questão, realizarei uma reflexão sobre o leitor em sua formação, através do tempo. No segundo momento deste ensaio, ocupar-me-ei da interpretação do texto epígrafe à luz de Roman Ingarden e os estratos que compõe a obra poética. A teoria, será revelada no tecido desta prática a exemplo da tenda que se revela pelas ações dos galos

O poema de João Cabral de Mello Neto, que ocupa o lugar de epígrafe deste ensaio, descreve uma atividade executada por galos, porém, os termos com que são descritas suas ações são tipicamente humanos “tecer”, “apanhar”, “lançar”. São metáforas que, em seu conjunto, constroem uma personificação, cuja função é mostrar o grito do galo comparado às ações humanas. Não são ações isoladas, tampouco ensaiadas ou artificiais. A precipitação dos gritos é sempre em direção a outros galos e acontece naturalmente, como algo necessário e intrínseco à sua condição, transformando atos individuais em coletivos e, portanto, fortes, inabaláveis e indestrutíveis por si só, como um grande tecido que, uma vez trançado, somente uma ação semelhante a que o teceu poderá desfazê-lo. Este é o sentido da evolução humana: tendo o homem descoberto e adaptado seus meios de comunicação, na medida da sua evolução, tornou-se elo e corrente a uma só vez e parar ou deixar de lançar seu grito seria interromper um processo, uma cadeia de relações sem a qual não vive.

Assim é a leitura. O processo de evolução humana oculta o sentido dessas relações que têm início muito antes de o homem aprender a escrever. Trata-se da leitura do mundo, algo que está dado e se processa naturalmente. O homem primitivo, desconectado do universo por uma inacessibilidade genérica constrói paulatinamente sua leitura através da observação, não deixando, porém, de criar artificios para chegar ao conhecimento das coisas e, então, desvendá-las, criá-las. A princípio, antes mesmo de ter o domínio da língua, tal como a concebemos hoje, sua leitura era oral, constituída apenas pela naturalidade quase instintiva e necessária do próprio ato de comunicação. Quanto mais espaço o homem foi conquistando maior tornou-se o domínio e o uso de sua oralidade.

A linguagem foi o artifício criado pelo homem para a significação de suas descobertas naturais, de suas leituras. Depois de aperfeiçoar a fala e comunicar-se melhor, passou a dominar a agricultura, meio de sua subsistência, e fundou o primeiro império. Aprendeu primeiro as imagens, figuras e desenhos. Simbolizando chegou à palavra, criou o alfabeto, chegando à comunicação escrita. Ao decompor a linguagem falada, num determinado número de símbolos fônicos (ou letras), o alfabeto permitiu que se registrassem com uma mesma escrita todas as línguas da região do Meio-Oriente, onde surgiu, estabelecendo assim vínculos muito fortes de comunicação entre os povos. O alfabeto pode, dessa forma, ser considerado o primeiro ato de um certo humanismo mediterrâneo, nascimento e fundamento da nossa cultura e das nossas sociedades modernas. Primeiro elo de uma grande corrente que não cessaria de crescer, primeiro laço de um tecido forte que planaria feito luz balão.

Dentro desse período, muitas descobertas e invenções foram realizadas, como o uso da cerâmica, o sistema numérico, as constelações, a irrigação, a moeda, enfim, uma série de objetos utilitários que ainda hoje são utilizados. As descobertas básicas para consolidar o domínio da natureza pelo homem, mormente as que envolviam a matemática e a arte, provavelmente não teriam sobrevivido sem a ajuda da escrita e menos ainda teriam se desenvolvido. Infelizmente, a vulnerabilidade do homem na luta com os fenômenos naturais e com seus próprios problemas, fez com que muitos de sua espécie perdessem a vida, e com eles o conhecimento de outras gerações que desconheciam a escrita.

Com a escrita, o homem conseguiu salvar melhor a memória e legar para outras gerações suas histórias e descobertas, além da possibilidade de aperfeiçoar o pensamento de outras escritas, até o ponto em que ela própria se tornou a maior riqueza que uma nação podia ter conquistado.

Então, as bibliotecas, com seus livros, de tijolos de argila, com a escrita cuneiforme, ou os papiros com hieróglifos, depois enrolados, passam a ter essencial importância. Assim, desde que o homem, com sua criatividade, passou a registrar conteúdos e formas de decifrá-los, também as formas de ler alteraram-se.

Difundida pelos gregos, que acrescentaram ao alfabeto fenício, cinco signos, as vogais, a escrita teve a escola como veículo de sua expansão a partir do século V a.C., intensificando-se no século IV a.C.. No século V a.C., de onde datam os primeiros livros didáticos, o comércio de livros já existia e o seu destino era a educação da juventude.

O estabelecimento da profissão de professor e da disciplina de retórica, nas escolas gregas, favorecem este comércio e os interessados ultrapassam o grupo de filósofos.

Nesse contexto, é interessante o formato da escola que, entre os assuntos básicos- linguagem, literatura, aritmética e atletismo- reservava, segundo Regina Zilbermann (1981) à interpretação histórica e estilística das obras literárias o embasamento e a aprendizagem dos meninos, o que assegurou a sobrevivência do patrimônio poético helênico, bem como atribuiu à escrita e à leitura a tarefa de introduzir a mocidade no mundo cultural e pedagógico.

São os romanos, no seu período republicanos, século I a.C., que, num processo de escolarização organizado, favorecem a leitura. De certo modo, isso contribui para o nascimento da leitura doméstica e a valorização da poesia enquanto prazer assegurou o lugar da leitura na vida romana, pois de acordo com Horácio(1981) à poesia cumpre unir o útil ao agradável, ou seja, ao mesmo tempo que diverte, instruir o leitor.

Outro fator decisivo para o estabelecimento da leitura como prática foi sua instituição como prática solitária. Durante muito tempo o homem leu em voz alta e coletivamente. É somente no século III d.C., conforme Joffrey Schnapp(1995), que se difunde a prática da leitura silenciosa, resultante da nova estrutura livresca, paginada, do códex, substituindo, definitivamente, o *volumen* ou rolo. Isso não significa que a prática em voz alta deixasse de ser utilizada, pelo menos até o século XIV, uma vez que era uma forma de entretenimento e de encontro social. Contudo, para a história do ato de ler, essa alteração é absolutamente relevante. Roger Chartier(2000) atribui a esta mudança um papel talvez mais revolucionário que a invenção da própria imprensa.

Entre os séculos XII e XV, com o surgimento de um novo processo gráfico, de separação das palavras escritas e, portanto, de facilitação da leitura, o livro manuscrito permaneceu como o único instrumento de difusão do pensamento escrito. Desde a queda do império Romano, até o século XII, os mosteiros, junto com outros estabelecimentos eclesiásticos, mantiveram o monopólio quase integral do livro e da cultura livresca. O surgimento e a expansão das universidades, a partir do século XII, bem como o surgimento de uma nova classe burguesa, provocaram mudanças sociais e intelectuais decisivas que influenciaram na composição escrita e na difusão do livro. Este novo quadro traduz também um novo público leitor. Os centros da vida intelectual são deslocados e os eruditos, professores e estudantes organizam junto com os artesãos especializados um ativo comércio de livros.

Para chegarmos até o livro moderno, seria necessário levantarmos toda a história do papel, pois uma história passa, necessariamente, pela outra que, somente a partir de 1844 caracterizou-se como resultado da massa mecânica da madeira, e somente em 1860, os trapos foram substituídos pela palha, na fabricação do papel jornal. Além do papel, há também a história da evolução da imprensa e, principalmente, da fundição dos caracteres, nos séculos XVI e XVII, exercendo importante papel na sua atual constituição.

É com Johannes Gutenberg que a impressão tipográfica tornou-se possível. Tinha início uma tecnologia que sobreviveria, com poucas modificações, até o século XIX. O invento de Gutenberg fizera desabar sobre uma Europa em manutenção social, econômica e religiosa, a ideia da difusão do conhecimento.

A invenção da imprensa talvez fosse relegada à gaveta por séculos, não tivesse o papel, suporte mais barato que o pergaminho, entrado na Europa pouco antes - o pergaminho não suportava a prensa; não tivesse, sobretudo, o advento das universidades, do humanismo, da Contra Reforma, todos produzidos um número crescente de ávidos leitores.

O continente assistia ao nascimento da burguesia mercantil como fator político, buscando desalojar a aristocracia rural do centro das decisões. No campo das ideias religiosas, eclodia a crise que levaria à Reforma protestante. A disseminação dos protestos de Lutero, na escala que ocorreu, só foi possível graças a Gutenberg, cuja sociedade em que vivia passava por um crescimento populacional comparável ao aumento da produtividade na indústria e no comércio.

Na Idade média, houve a descoberta da pólvora, o relógio mecânico; o aperfeiçoamento da navegação à vela, que levaria os europeus a novos mundos. A Itália florescia em pleno Renascimento, irradiando a Europa com um desejo de enriquecimento cultural e civilização mais dinâmica. Só faltava colocar todas essas ideias no papel. Foi o que fez Gutenberg. Os livros impressos com sua invenção disseminaram o hábito de ler e escrever e deixaram a cultura ao alcance das novas classes sociais, cujo poderio deitava raízes nas cidades.

As escolas transformaram-se em universidades, o rolo em livro, o manuscrito em imprensa, a leitura teve sua própria indústria e tornou-se mercadoria e, no século XVIII, já havia se tornado mania, pois o público tinha à sua disposição uma enorme quantidade de escolhas o que o tornava, também, mais exigente, e seu gosto passa a ser decisivo para a indústria literária. A oralidade, antes restrita, foi atravessada pelas práticas de leitura e, impregnada das estruturas lidas, tornando-se uma prática destituída de improvisos ou ingenuidade. A convivência com a leitura dá ao homem subsídios para dominá-la e defender sua posição no mundo.

A história do livro passa, necessariamente, pela história da comunicação impressa. Dessa forma, o pensamento do leitor, em cada época, é, de alguma maneira, afetado pela palavra impressa. A verdade é que rastreando o caminho percorrido pelo livro em todos os formatos, do mais primitivo ao mais contemporâneo, lá será encontrado um leitor. Diferenciado, embora, pelas instâncias e distâncias geográficas, culturais e temporais, tem sua imagem “implícita na pretensão dos “produtores” de informar uma população, isto é, “dar forma às práticas sociais” (Certeau, 1994). Isso significa que o papel do leitor durante séculos, tem sido o de assimilação, considerando que a apropriação, feita por ele, o saber do produtor o faz, de algum modo, semelhante ao que absorve resistente ou não, o público acabou sempre sendo moldado pelo escritor.

Se o livro tem exercido, desde seu aparecimento, função pedagógica a começar pela importância que a escrita e a leitura tiveram para os helênicos, na tarefa de introduzir os jovens no mundo cultural e pedagógico, como já foi dito, bem como na escola romana, cuja organização favoreceu igualmente a leitura, então, pensar leitor é pensar escola, uma vez que a ela foi atribuída, oficialmente, a responsabilidade do aprendizado da escrita e da leitura.

Para Certeau (In.: Chartier, 2000), o livro, a partir do século XVIII, graças à ideologia das Luzes, é visto como reformador da sociedade e sua disseminação através da escola, então acessível ao povo, deveria ter o poder de remodelar toda a nação. Não dá para ignorar, porém, que o aparecimento do livro, apesar da aura positiva que o envolve, marginalizou boa parte desse povo pelo difícil acesso.

A educação sempre exerceu papel decisivo na formação dos leitores. A realidade, contudo, mostra um afastamento da proposta das luzes. Os procedimentos pedagógicos, segundo Certeau, com base na rede escolar, desenvolvem-se a tal ponto de abandonar como inútil ou quebrar “o corpo” professoral que os

aperfeiçoou durante dois séculos, destruindo aos poucos a finalidade, as convicções e as instituições escolares das Luzes. A impressão deixada pela escola é a de que sua implantação não tem medidas por deixar de lado exatamente o conteúdo que lhe dá possibilidade de ser, perdendo então sua utilidade social. Por isso, a ideia de um leitor assimilador do produtor, pois a massificação do ensino torna possível uma relação intersubjetiva, fazendo do sistema educativo “a vanguarda da reprodução ideológica de um sistema político econômico”(Demo).

Assim como pode ser o lugar em que se promove a participação política e, sobretudo, lugar de abertura democrática, a educação pode ser também um lugar de pressão à não participação, no sentido de que tenderia a formar o obediente. É um caminho de duas vias. Certamente, a sua dimensão não esgota suas possibilidades, mas pelo menos não precisa estar envolta apenas em seu aspecto negativo, desmobilizador e reacionário. Esse parece ser o mesmo problema do livro, ou do texto escrito e da própria leitura, uma vez que, de um lado, possui um poder indiscutível e natural, mas, de outro, condiciona o leitor, transformando sua leitura em ato mecânico ou previsível, tirando sua autonomia e liberdade inventiva de sentidos.

O grande tecido apresentou defeitos no decorrer de sua construção. Não será o primeiro frente a todos os erros cometidos pelo homem em sua “multiplicação” prevista no momento da Criação. O fato é que, com defeitos ou não, revolveu a cultura na sua totalidade, pois a prática da leitura foi irrigada de tal forma pelo surgimento de novas formas de impressão a ponto de deixar de ser reservada e elitizada e os leitores utilizaram-na de acordo com as suas competências e expectativas. De alguma forma, as distancias sociais bem como as geográficas não foram suficientes para impedir que muitas obras fossem compartilhadas e apropriadas por leitores populares ou eruditos. O importante é entender como esses mesmos textos foram diversamente compreendidos. O certo é que nem o tempo é capaz de desgastar a leitura. Chartier definiria assim: “ela não conserva ou conserva mal o que adquiriu e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido”.

Tanto o mundo do leitor como o mundo do texto são consideráveis para o entendimento do processo de práticas leitoras no decorrer dos séculos. O ato de um texto nunca ser lido da mesma maneira, e as comunidades estabelecerem diferentes normas e convenções de leitura definem os usos do livro, os gestos de leitura, os processos interpretativos que irão predominar. Uma história de leitores é uma história de modos de compreensão, apropriação e utilização dos textos. (Cavallo e Chartier, 1998). Dizem os autores que, se o “mundo dos leitores” deve ser concebido como um conjunto de “comunidades interpretativas”, que compartilham de modos diferentes e em tempos diferentes, os mesmos usos, códigos e intenções, o “mundo do texto” tem igual relevância, uma vez que depende dos diferentes suportes que o compõem e o veiculam. Mudando os suportes, alteram-se também as relações de leitura, as práticas e gestos de leitores, bem como a própria natureza dos textos.

Talvez o grande problema da atualidade seja o “mundo dos leitores”. São, de fato “comunidades interpretativas”, contudo, parece-me, e retomo aqui minha experiência como professora de Linguagens, há 30 anos, que devemos questionar o tipo de leitura que é praticada nesse mundo, ou a que tipo de interpretação podem chegar?

No Ensino Superior tenho recebido alunos que mal “decifram” os códigos! A que atribuo isso, se a tríade livro/texto/leitor possui um poder natural? Por que ainda no século XXI, frente a todo o advento tecnológico da comunicação, a escola continua promovendo uma educação condicionante, transformando a leitura em ato mecânico ou previsível, privando a criança ou o jovem de sua autonomia e liberdade e criatividade?

Está claro que o leitor desempenha o seu papel de leitor, manipulando o texto, de acordo com suas possibilidades e circunstâncias de idade, geografia, história, inclusive de uso. No entanto, existem práticas de leitura que não estabelecem a mínima relação, individualizada ou íntima entre o leitor e o que ele lê. Esse tipo

de utilização mutila o texto e passa ao lado do seu verdadeiro significado, opondo-se àquilo que seria a leitura correta e proveitosa. Chartier(2000). Assim, para falar em leitura, não posso desconsiderar, segundo Chartier, nem a irredutível liberdade dos leitores, nem os condicionamentos que a pretendem refrear. Mas como professor, diante de minha consciência da necessidade de levar o sujeito ao texto, posso apresentar ao aluno experiências de leitura centradas no conhecimento da própria língua, na linguagem simbólica, devolvendo-lhe as possibilidades do onírico, da fantasia, da imaginação que lhes foi tolhida pela estética da imediatez e da praticidade.

Essas experiências devem ser fundadas no fato de que a literatura nada tem de imediatamente prático no mundo do imediatismo, ou das coisas práticas e do capital; uma experiência que considere, no ensino da língua, aplicar o mais antigo, o mais moderno e o mais eficiente dos métodos, o de fazer falar, de fazer ler e de fazer escrever.

Início essa experiência com um texto considerado desafiador por não ser, com certeza, o escolhido entre, pelo menos 99% dos professores, para a leitura em aula: o poema.

Uma questão de ordem muito prática para iniciar: Poema ou poesia?

Sim, efetivamente há uma diferença entre os dois conceitos. Praticamente: o poema é um objeto literário com existência material concreta (a obra escrita em versos e estrofes), possui uma relação forte e direta com a arte, com a beleza estética e com a música; já a poesia tem um caráter imaterial e transcendente que emociona, toca a sensibilidade, sugere emoções por meio da linguagem. Poesia é a arte que ensina!

O texto escolhido é o poema de João Cabral de Melo Neto, como poderia ser qualquer outro. A intenção desta análise é revelar o processo metalinguístico do poema, as intenções do código utilizado na construção do texto, revelando a poesia que dele resulta.

Surge, então, outra questão: o que é metalinguagem ou metalinguagem poética, já que ela pode estar presente em outros gêneros textuais?

A metalinguagem acontece quando a linguagem de um texto se debruça sobre si mesma. Neste caso, a poesia sobre a própria poesia, na qual o poeta reflete sobre o fazer poético, parecendo explicar para si mesmo e para os leitores o momento catártico que permeia a criação e dá vida a um poema, revelando-lhe a poesia.

Tecendo a Manhã.

João Cabral de Melo Neto

"Um galo sozinho não tece a manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro: de outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzam
os fios de sol de seus gritos de galo
para que a manhã, desde uma tela tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão".

Formado por dois blocos, o primeiro uma décima e o segundo uma sextilha de versos heterométricos e heterorrítmicos, o poema *Tecendo a Manhã*, de João Cabral de Melo Neto, por seu rigor formal, pelo sentido de construção da linguagem e pela associação que o poeta faz entre construção formal e “construção social”, define a produção poética do autor para quem a poesia resulta de um trabalho árduo que implica fazer e desfazer várias vezes o texto até que ele atinja a sua forma mais adequada. Reflete constantemente sobre a criação artística, utilizando-se da poética da linguagem objeto, isto é, que procura sugerir o assunto retratado para a própria construção da linguagem. Tal procedimento fica evidente quando lemos seus poemas. Em *Tecendo a manhã* isso é perceptível através da sintaxe do poema, uma analogia à solidariedade das ações humanas na construção de uma nova manhã.

Como poema é preciso considerar sua construção. Existe nessa construção algumas camadas, ou extratos, como define Ingardem, que precisam ser revelados, como quando se desembulha um presente. A camada superficial, a sua estrutura em versos e estrofes, seu ritmo, métrica e rimas e a camada mais interna que revela a construção sintática e semântica, atentando para sons, repetições, termos, enfim, recolhendo assim índices textuais que levem à interpretação do poema.

O poema inicia com uma afirmação: “Um galo sozinho não tece uma manhã”: “ele precisará de outros galos”, assumindo um caráter proverbial pela semelhança com o dito popular “uma andorinha só não faz verão”. Formula uma condição indispensável PARA O DESENVOLVIMENTO posterior do texto, pois coloca o fator solidariedade como essencial ao trabalho dos galos.

Na primeira estrofe, a partir do 3º verso, o final e cada verso se encadeia ao verso seguinte em busca de sua completude. O poeta usa o encadeamento, também conhecido como *enjambement* ou cavalgamento, cujo princípio é a dependência dos versos: cada segmento depende do seguinte para obter significado. A dependência, então não é só sintática, mas semântica. Esse procedimento cria um duplo paralelismo, uma estratégia discursiva organizadora da coesão, interligando entre si por meio de harmoniosa junção de elementos coesivos, ideias dispostas em uma dada sequência lógica, de modo a formar um “todo” coerente, elementos essenciais à perfeita compreensão de qualquer discurso.

O leitor desavisado, contudo, pode compreender a ruptura dos versos como um entrave, implicando diretamente na falta dessa harmonia ou perfeição significativa, uma vez que, objetivamente, nos termos conceituais de coesão a sequência lógica, que formaria o “todo coerente”, a similaridade entre os elementos do texto, foi quebrada.

Esse detalhe camufla, tecnicamente, o resultado final que se dará com o todo construtivo, conferindo, pois, ao texto um duplo significado, o da dificuldade, da ruptura do nexos, e o da próprio nexos que não está no primeiro elemento, mas na união dos elementos como uma condição ou concessão para as ações que seguem ou como uma soma das ações. Essa dupla possibilidade coesiva nos leva à coerência do sentido a que chegamos: para que uma ação aconteça, para que o grito se eleve e flua é necessária determinação. O “quê” é o entrave, é a ruptura, pois requer uma decisão, uma escolha de sujeito, uma determinação como atributo, requer que ele assuma um estado e aja. Um estado de agente ou de paciente, o que o definirá será a sua ação. Até mesmo o conceito morfológico do termo determina a sua função: um pronome relativo, um nexos que pode dar ao sujeito essa relatividade por ser, no poema, empregado de forma restritiva.

A restrição, no entanto, não desfaz a sugestão de passividade atribuída às ações dos verbos, estendendo ao sujeito diferentes condições como sujeito uma vez que ora ele lança, ora ele apanha os gritos, numa substituição imediata dos papéis de agente e paciente. A restrição dada ao sujeito pelo pronome relativo, é relevante porque fixa o papel principal dos galos como sujeitos da construção, definidos e caracterizados cada

um com seu papel restrito no tecido que se forma não por adjetivo, mas por orações adjetivas. (Veja como é importante termos o conhecimento da língua tão negligenciada nas aulas de Língua portuguesa pelo mau ensino da gramática!)

Essa função das orações adjetivas, reforça a questão da escolha. Suas ações definem suas escolhas e suas escolhas definem sua posição. Neste caso o termo é ainda mais relevante por assumir ambas as condições de sujeito. A subjetividade e a objetividade são os modos como o ser humano encara o seu lugar nos discursos assumidos, um galo lançando e outro galo, apanhando o grito, tornam-nos voluntariamente sujeitos e objetos dessa construção.

O segundo verso do poema, uma explicação afirmativa sobre o primeiro verso, dada sua pontuação, “Ele precisará sempre de outros galos” determina a relação necessária entre os galos para que a mesma se planifique finalmente como tenda, como tecido insolúvel e sem armação. A ação final será uma, única: o tecido planará sozinho, mas a construção será conjunta. A finalidade desse procedimento sintático é justamente criar um paralelismo, que se dá duplamente, pela repetição das estruturas e pela correspondência que o mesmo cria com o canto do galo.

A relação dificultosa, nesse duplo constructo é, também, definida pela pontuação. Somada à função do paralelismo, a pontuação do poema dá ao texto uma entonação própria, distribuindo-lhe as pausas que somente se tornam breves com a execução completa das ações, levando-as a planar como luz balão. A planagem exigirá inicialmente um esforço que corresponde à decisão que os sujeitos deverão tomar. Essa decisão é posta ainda no primeiro verso pelos dois pontos, sugerindo o que cada um deve fazer, como imposição das condições a serem assumidas, condições de dependência e independência. Essas ações assumem um ritmo que não se configura como breve e tornam melódica a sintaxe dos versos pelo vai e vem das ações.

Os períodos longos compostos por ações que se cruzam entre lançar e apanhar, repetidas vezes, separadas por ponto e vírgula, assumem um caráter paradoxal. Reforçado pela melodia do poema, indica um tom ligeiramente descendente, mas capaz de assinalar que o período não terminou. O paradoxo se apresenta pela confusão causada pela estrutura sintática. A forma como são separados os versos sugere uma coordenação entre os períodos, e, apesar de o pronome relativo “que” adjetivar as orações que introduz, subordinando-as, as ações são coordenadas, pela relação que guardam entre si, reforçando a ideia de responsabilidade individual e coletiva pelo lançar e entrecruzar das ações.

A pontuação encaminha-se para a ascendência sugerida inicialmente pelo ponto e vírgula, pela tessitura que se expõe cautelosa e trabalhosamente, como sugerem os versos finais do primeiro parágrafo já com pausas breves como um folego que alivia diante da missão, de uma finalidade cumprida: “Para que o amanhã, desde uma teia tênue, / se vá tecendo, entre todos os galos.” com o fio de sol de seus gritos. A expressão “se vá tecendo”, reforça a ideia do esforço que encontra o conforto final da calma, da paz. Como em uma guerra, cujas batalhas são longas, recorrentes e ferozes, escondendo, contudo, os esforços produzidos no sentimento final de paz, de vitória, a pontuação da primeira estrofe sugere a necessária continuidade do ato de produção e criação da manhã.

Tão importantes como a sintaxe, para o significado do poema, é a escolha dos termos que nela exercem as funções essenciais. Nesse caso, o vocábulo “galo” instala no leitor uma desconfiança, pelas vezes em que aparece, as posições que assume na oração e pela sua flexão, que se configura, primeiramente, pelo início e pelo final da 1ª estrofe onde a palavra “galo” alterna-se com a palavra “galos”. Constituído-se como o sujeito de todas as ações quando lança os gritos, mas também como objetos, quando apanha os gritos, a posição, com diferentes funções, e a flexão do vocábulo, configuram o entrecruzamento dos gritos dos galos ou o entrelaçamento dos múltiplos participantes do ato de construção da manhã.

É necessário considerarmos também, nessa relação, outras palavras que exercem as mesma função. São referentes, elementos importantes na progressão do texto porque se referem aos agentes das ações. O pronome “ele” pessoal e definido, e os pronomes “outro” e “um”, indefinidos. As funções adjetivas deste e substantiva daquele reforçam a ideia de presença do outro, mas de um outro que tenha uma reação a sua ação. Que se defina por outra ação.

A articulação das estruturas do poema demonstra engenhosamente o trabalho do poeta João Cabral de Melo Neto. A posição dos sujeitos nos versos, se mapeadas e codificadas, surpreendem o leitor com uma interessante forma que lembra os desenhos das histórias em quadrinho para representar sons, uma espécie de onomatopeia gráfica.

Nesse sentido obtém-se no poema a seguinte configuração:

Um galo sozinho não tece uma manhã:

ele precisará sempre de outros galos.

De um que apanhe esse grito que ele

e o lance a outro; de um outro galo

que apanhe o grito de um galo antes

e o lance a outro; e de outros galos

que com muitos outros galos se cruzem

os fios de sol de seus gritos de galo,

para que a manhã, desde uma teia tênue,

se vá tecendo, entre todos os galos.

A figuração demonstra uma espécie de abertura e fechamento em zigue e zague, que pode ser associada ao próprio grito e o alcance do seu som, primeiro internamente, nas linhas da esquerda, em que temos, na verdade, a indefinição. Qualquer um pode apanhar o grito, não há uma direção específica ou um alvo específico, assim, os pronomes indefinidos cumprem bem seu papel. As linhas são internas e se configuram a partir da posição dos indefinidos (podemos considerar o pronome ele como um indefinido também porque ele se refere a “um galo” do primeiro verso). Isso reforça ainda mais a ideia de que o papel social é de qualquer um e é de todos. Não importa por quem começar, todos podem se tornar protagonistas desta ação, mas ela precisa receber uma motivação interna, que parta do juízo de cada um e ecoe profundamente, instigando uma reação e uma ação.

As pontas formadas pelas linhas que se encontram sugerem, ainda, uma seta de lança direcionada, contudo, isso não significa que haja um alvo certo. O vai e vem das linhas desfaz essa compreensão, sugerindo uma espécie de busca, como se cutucasse aqui e acolá fechando-se e abrindo-se para uma nova investida.

As linhas externas, imitando bico de ave, abrindo e fechando, cumprem o mesmo papel, porém, agora, há um alcance maior do grito. A abertura das linhas é maior porque há um campo maior, não determinado, que se refletira no campo interno. Quando o grito for ouvido ele primeiramente será retido para depois ser devolvido. Por essa razão, as formas internas são mais estreitas, ou fechadas, sinalizando essa introspecção.

Outro aspecto importante nesse constructo é a expressão das formas verbais referentes aos gritos dos galos nos 3º e 5º versos. As elipses ou zeugmas mais significativos do poema – são formas de amarrar ainda mais fortemente as estruturas do texto, são econômicas, contudo coesas. Imitam o fluxo dos gritos entre os galos

entre um e outro não o deixam morrer, assim como as elipses impedem que a frase termine. Outros termos, da mesma forma contribuem para isso e vão se encorpando, tomando forma, de modo a simular que, à medida que o trabalho entre todos vai sendo feito, o resultado vai tomando forma.

Temos, ao longo do poema, a descrição de uma atividade executada por galos. Os termos com que o poeta descreve essas ações são tipicamente humanas “tecer” a manhã”, “apanhar o grito”, “lançar”. São metáforas que em seu conjunto, constroem uma prosopopeia, ou uma personificação, cuja função é mostrar o grito do galo comparado às ações humanas, não como algo estático, ou inanimado, dominado facilmente, mas como um ser humano dotado de características de grande força (daí a importância das orações adjetivas na composição do poema), se somado a outros, com poder de construir e transformar.

Essa ideia ganha ainda mais força, se observada a flexão verbal do poema. Para que os galos tecam a manhã, são necessárias opções improváveis, hipotéticas. Os verbos no modo subjuntivo “apanha”, “lance”, “se cruzem”, nos versos 5,6, e 7, corroboram a ideia central do poema que aponta para o papel de cada um na coletividade, no sentido de alcançar um determinado fim. Outros vocábulos ao longo do poema portanto, tanto pela significação, quanto pelo número de vezes que aparecem realçam essa ação coletiva, como: “todos”, “muitos outros”.

É exatamente onde chega o poema no último verso da primeira estrofe, estendendo-se para a segunda até o final, acrescentando um novo participante das ações, além de chamar a atenção para o modo como o tecido será formado, pela posição explicativa da vírgula: “se vá tecendo, entre **todos** os galos”, soma do “ele” com os “outros” e “uns”, culminando o processo de inclusão que houve durante todos os versos do poema, resultado do processo interno. E se o processo interno é o da acolhida do grito, não há inclusão de novos atores se não houver reação ao grito.

A manhã começa a ser tecida por um grito tênue, longe, fraco de um galo que precisará de outros que o ouçam e respondam ao seu chamado emitindo também os seus gritos outros e mais outros galos até que se façam ouvir “entre todos”. O pronome todos é precedido pela preposição “entre”, cujo significado sugere uma posição intermediária, um lugar, uma circunstância de envolvimento que sugere um entorno, um contexto, a presença nesse caso, do outro.

Assim, vai o leitor tecendo o seu texto, e vislumbrando a poesia do poema, o texto da compreensão desse tecido que se revela na sua tessitura. O ato de ler envolve muito mais do que uma decodificação. Abro um pequeno parêntese aqui para expandir o ato da leitura. Também o leitor está, deliberadamente, envolvido nesse tecido, se ele se permitir, é claro. Nesse caso, os códigos são as palavras, as estruturas, as posições, as funções, nada novidade para um estudante, por exemplo, que durante toda a sua vida escolar estudou a gramática da língua portuguesa em que vislumbrou todas as funções possíveis dos códigos linguísticos. Não!!!??? É, alguém, no meio do caminho, disse que a gramática não era importante, não foi? É, caro leitor, você acreditou, mas também, não o culpo. Do modo como a gramática é ensinada em algumas instituições, é melhor que não seja, mesmo. Não tem propósito.

Então, Foque nisso: a língua e, por conseguinte a linguagem é formada por códigos, assim como a vida. É necessário decifrá-los, em qualquer situação. Isso é reagir diante do texto ou da vida, compreender, o que o levará às suas próprias conclusões, a tomadas de decisões, à ação. Cada um compreende de acordo com seu universo, portanto, as leituras ou conclusões podem ser diferentes, mas não erradas, contanto que coerentes e baseadas nesses códigos, no tecido textual. Exatamente como na vida: não podemos julgar sem a compreensão coerente e justa dos fatos.

Como o que buscamos neste exercício é a leitura do texto, posso garantir a você que esse ato, o de LER, vai além da decodificação, ou do nível do código. Chegaremos à profundidade, à interpretação desejada, se

esses códigos forem “descobertos” de sua superficialidade, de sua primeira camada ingênua e sem profundidade. Veja, falei em camadas. Acredite, são muitas. Com toda a malícia, de um leitor avisado você deve tirar-lhes “a virgindade”, essa pureza aparente. E o que significa isso? Entenda a língua como um código, de fato, e decifre-a. Seja um detetive, seja malicioso, seja desconfiado, inconsequente, depravado... (melhor parar por aqui). Nem tudo que parece ser é, nem tudo que é parece ser! Bonito trocadilho! às vezes me surpreendo com minha capacidade de criar, mas a leitura me deu isso!!! Hoje, infeliz e misteriosamente, os novos escritores não leem!!! É uma geração autossuficiente e autodidata que lê sem ler! Vai entender! Não há nada que se construa sem esforço: esse é o meu lema!

Brincadeiras à parte... de volta ao “entre”, de volta ao texto, pergunto: o que fez o leitor até agora se não lançar mão de um “entre”? Entre o leitor e o texto existe um universo de gritos, de conhecimentos que dependem de uma reação. Sua reação é reconhecer por entre as frestas, as sugestões deixadas pelo eu lírico, os sinais deixados pelos códigos no contexto em que estão inseridos. Conheça os recursos linguísticos. Por exemplo, a regência verbal não compreendida pelo leitor pode levá-lo ao erro, se você não sabe o significado da preposição e a sua necessidade do contexto, não perceberá que além do significado do “entre, por exemplo, há um significante.

Vá mais fundo: perceba as referências geográficas, mitológicas, lendárias, econômicas, religiosas, políticas e históricas para fazer as possíveis associações; esclareça dúvidas de léxico; esteja familiarizado com as circunstâncias históricas em que o texto foi escrito, você tem que saber onde e quando o poeta escreveu seu poema. Essas são as circunstâncias para a leitura, a informação e o conhecimento que você têm delas, a apropriação que você fez delas durante sua caminhada de leitor de textos, de leitor da sua própria vida.

Agora sim, não perdendo os fios desse tecido, há mais “mistérios” a serem desvendados neste poema. Outro detalhe importante para a sua compreensão é novamente a flexão dos verbos, desta vez, o gerúndio, posto já no título: “tecendo a manhã” e posteriormente nos versos 11,12 e 13 (encorpando, erguendo, entretendendo) sugerindo que uma ação se desenvolve dinâmica e ininterruptamente, sem cessar, evolutivamente. Essa sequência de gerúndios retoma o dinamismo já sugerido no próprio título, “tecendo a manhã”, lembrando que o ato criador é um constante fazer. Ainda na 2ª estrofe, como forma de reforçar esse ato, ocorrem várias aliterações com a repetição dos sons explosivos consonantais /t/ e /d/, cuja diferença sonora está no timbre, um surdo, outro sonoro. A alternância de sonoridade provocada pela repetição dos sons e combinados com os sons nasalizados característicos das formas do gerúndio “ndo” que se observa na última estrofe, pode ser, eventualmente, associada à comunicação primitiva, feita por tambores (alternância de sons surdos e sonoros, breves, longos, graves, agudos) ao som provocado pelo trabalho realizado em um tear, lembrando que “apanhar”, “lançar” e “cruzar” são ações do próprio uso do tear; ou ao entrechocar, dos fios de um tecido que está sendo feito: a manhã tecido aéreo, ou ainda, o entrelaçamento dos gritos, que inicialmente dispersos, deixam de ser fios de sol e vão se tornando teia.

A dinamicidade e rapidez nos movimentos que constituem o ato de tecer, sugerida na segunda estrofe, confirma-se também pelo encadeamento dos versos, que de maneira ágil, vão se completando no verso seguinte. Assim é o tecido, constrói-se a partir da inclusão de novos fios.

Assim, leitor atento, veja por onde está andando! Se, agora, depois de todos esses indícios - chame-os de **índices textuais** – atentar para os vocábulos do texto, verá que não precisará dispor de nenhum esforço para enxergar sua conotação óbvia como **galo= homem**, por exemplo. Se se debruçar no termo manhã, poderá chegar a uma conclusão surpreendente, mas para isso terá que considerar sua função no texto e sua sonoridade no poema, quando lido na sua relação com as outras palavras. Desse modo, ele poderá ser lido como a manhã, parte do dia, geralmente anunciada pelo grito, canto, dos galos, ou amanhã, que pode ser entendida como o DIÁLOGO: REVISTA MULTIDISCIPLINAR ANO 01 N.01

futuro construído pelos homens a partir de seus gritos, “mensagens ou atos”. Trata-se de uma estrutura social que, uma vez tecida, não excluirá ninguém de seus benefícios; construída “erguendo-se em tenda”, adquirirá capacidade de se reproduzir “se eleva por si”, irradiando seus raios luminosos.

A respeito do ato de tecer, subentendido no texto pelas ações desencadeadas a partir do grito do primeiro galo através dos verbos de ação “precisar”, “apanhar”, “lançar”, “ruzar-se”, pode ser lido como o ato de solidariedade, de união entre os homens, de cujas ações (gritos) resulta o futuro. Da mesma forma lemos a sequência de nomes dispostos em progressão: “teia”, “tela”, “tenda”, “toldo”, “luz balão” que vêm designando o produto do ato de tecer, respectivamente, as representações para o processo do amanhecer: o sol nascendo passo a passo; na construção do poema, verso a verso sendo estruturados; e na construção do futuro ou da consciência o desenvolvimento desse processo até se formar o toldo= manhã=futuro e ganhar autonomia.

Ainda, numa leitura mais atenta, leitor, essa ocorrência pode conduzir você a entender que o galo, antes, sujeito de quase todas as orações da 1ª estrofe, (que é quem produz a manhã), vai cedendo espaço para a sua obra(manhã), e esta, assume o lugar, na 2ª estrofe, de sujeito das ações, pois, à medida que a matéria vai se tornando produto (“se encorpando em tela”), ganha autonomia (“se eleva por si só”) em relação ao produtor e vai adquirindo múltiplos valores de uso.

Observe que interessante o que acontece no último verso com o termo “tecido”. O que você conhece sobre o particípio dos verbos? Então, a leitura que se faz aqui é um reforço a tudo o que já foi dito, como uma conclusão. Podemos ler “tecido” como particípio do verbo tecer, indicando uma ação concluída, ou como substantivo e, neste caso, o “tecido da manhã” que passou por um processo de elaboração. Assim, a manhã(produto), uma vez tecida, não se limita à posse de seus produtores (galos), ganha autonomia e passa a envolver a todos que a produziram, não lhes negando a importância e, através do neologismo “entretendendo”, formado pelos vocábulos entre+entreteter=diversão+ entender= compreensão, o poeta consegue captar a alegria do amanhecer que, despertado pelos galos, acaba por envolvê-los. A obra é produzida *entre* todos e remete aos vários usos a que ela servirá: a tenda, para abrigar, o fim para o qual tendem todos os produtos, o espaço de *entendimento* e confraternização.

Volte a pensar na produção textual. Há quem atribua ao autor uma morte após a construção de sua obra. Por quê? Assim como a manhã tecida, o texto assume a mesma autonomia concebida a partir de tudo o que você teve oportunidade de analisar comigo neste poema, todos os elementos que lhe conferem coesão como as repetições, as progressões, as não contradições, as elipses e as relações estabelecidas entre os elementos que enriquecem e solidificam o poema dando-lhe uma fina tessitura. Ainda que não exista sem a participação dos seus agentes, ao adquirir autonomia (livre de armação) a obra ganha valores de uso que servem a todos. A tela (obra) torna-se tenda, toldo, balão. Da mesma forma, os gritos dos galos se transformam em fios de sol e sucessivamente em teia, tela, tenda, toldo, manhã, luz balão. O produto final, (luz balão), adquire autonomia na medida em que é capaz de se deslocar por si mesmo com luz e movimentos próprios.

Quer ir um pouco além? Então vamos ao último verso: tente concluir o papel do termo “luz” depois dessas considerações. Associe-o a esclarecimento, a conhecimento, a saber, à ilustração. O que você terá, conclusivamente, é a ideia de que se está falando aqui de um produto intelectual. Sim. Então, “tecer” assume o significado de “compor” e podemos nos arriscar a dizer, coerentemente, pelo processo de compreensão que desenvolvemos até aqui, que o termo nos direciona para a leitura do poema como o processo de fabricar a cultura “literatura”? Bem possível, em se tratando de João Cabral de Melo Neto, e como eu já havia dito, muito coerente com toda esta análise. Não é possível que pensemos em literatura desvinculada ou descontextualizadamente. São necessárias muitas pessoas, muitas ideias diferentes que vão se aproximando,

cruzando-se, passando à frente para outras pessoas. Desse processo nascerá a obra cultural de uma época, que, depois de tecida ganha autonomia e passa a existir para iluminar, ensinar, esclarecer.

Certamente, outras leituras desse poema são possíveis. Neste exercício foram levantadas algumas hipóteses que se confirmaram pela leitura desenvolvida, a da produção material, a da produção cultural e da produção cultural, da própria literatura, ou do texto literário, além da produção de uma nova sociedade. Para isso foi importante que considerássemos todos os recursos utilizados no poema, os fônicos, os morfológicos, os sintáticos e os semânticos, denominados, pela teoria de Roman Ingarden, de estratos da obra literária. Se você percebeu, o texto tem camadas que precisam ser desvendadas uma a uma para se chegar ao significado. Todas elas, neste poema, reproduziram os significados, o próprio conteúdo, ajustando-se a cada uma das leituras possíveis.

Sendo assim, a hipótese de leitura inicial, a da metalinguagem do poema, confirma-se. A relação estabelecida pelo autor entre a tessitura do texto e a construção social, na tessitura do amanhã = do futuro é desvendada nas estruturas do poema. Desse modo, como a manhã e o resultado do trabalho dos e entre os galos, o produto é resultado do trabalho coletivo dos produtores, o poema é o resultado do trabalho do poeta e suas circunstâncias, assim como o futuro é o resultado do trabalho conjunto dos homens, capazes todos, de construir arquiteturas tão bem estruturadas, tão bem tramadas e tão independentes como a manhã do poema.

O exercício de interpretação aqui realizado não se restringe apenas às obras literárias, ou ao gênero poético. Os diferentes gêneros textuais escondem singularidades. É preciso estarmos atentos ao jogo que se processa entre estrutura e conteúdo e como em um jogo de xadrez considerarmos todas as possibilidades de jogadas, estratégica e inteligentemente, na conquista do Rei (sentido do texto). Soldados e torres tem lugares marcados na coesão e na coerência do jogo assim como os elementos organizadores de cada texto, estão a serviço de uma unidade semântica.

A princípio, o texto pode se nos apresentar como um adversário, Rei absoluto e inatingível, até que, com nosso vagar e paciência, conquistemos o e nos apoderemos do espaço e da proteção que o cerca. Cada peça deslocada representa uma conquista em direção ao sentido. Na medida que avançamos, tornamo-nos cúmplices, assim como conseguimos conquistar o Rei, chegamos ao sentido pela coesão de todas as peças deslocadas.

Dadas as particularidades estruturais de cada gênero, a interpretação, seja ela qual for ou o gênero a que pertence o texto, segundo a teoria de Roman Ingarden, deve sustentar-se sempre no próprio texto. Isoladamente, nenhuma das camadas é capaz de sustentar a profundidade e a subjetividade de um texto. Assim, o texto narrativo exige de nós um conhecimento de sua estrutura assim como outros gêneros.

Meus queridos leitores, alunos, amigos... como vocês percebem, é grande a rede que se forma a partir da palavra. Papel, livro, meio de produção, escola, educação, leitores, comunidades, e a própria história, nenhum existe sozinho. Suas histórias se interpenetram, coexistem, dando formato ao tecido que não interrompe. Provavelmente, voltando à breve retrospectiva que fiz no início desta reflexão, sobre o processo de construção da leitura, outras situações surjam e agreguem-se à rede, como exigências de novos contextos, mas tenho certeza de que assim como, evolutivamente, o material do manuscrito foi assumindo formas diferentes no decorrer da história da humanidade, com os novos procedimentos e ferramentas tecnológicas de que dispomos na atualidade, certamente, este material a que hoje chamamos papel, poderá assumir ainda outras formas. Não será diferente com a leitura e, independentemente das novas formas que os textos já assumiram e ainda podem vir a ter, suas relações e movimentos atravessarão séculos e o saber se libertará, cada vez mais, dos meios monásticos e individuais, ganhando multidões e trazendo ao homem a liberdade sempre tão desejada, tecendo um novo amanhã.

REFERÊNCIAS

- CAVALLO E. Guglielmo; CHARTIER, Roger(Org.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. Tradução Claudia Cavalcanti(alemão), Fulvia M.L. Moreto(Italiano), Guacira Marcondes Machado(francês), José Antonio de Macedo Soares(inglês). São Paulo: Ática, 1999.
- DEMO, Pedro. **Política Social e Pesquisa Educacional**. ENCONTRO TÉCNICO SOBRE A PESQUISA EDUCACIONAL NA ÁREA DO ENSINO DE 1º GRAU, Brasília DF, I, 1979. **Documentário**. Brasília: Departamento de Documentação e divulgação, 1979.p.21-31.
- GOLIN, Cida. **Roman Ingarden e a poesia de Carlos de Oliveira**. Letras de Hoje, Porto Alegre: PUCRS, n. 83, p. 105-122, mar. 1991.
- HORÁCIO. **Arte poética**: epistula ad pisones. In: BRANDÃO, Roberto de Oliveira. Aristóteles, Horácio, Trad. Jaime Bruna. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- INGARDEN, Roman. **A bidimensionalidade da estrutura da obra literária**. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS/Série Traduções, Porto Alegre, v. 1, n. 1, nov. 1995.
- CHARTIER, R. **A História cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhado. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.
- _____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial SP, 1998.
- MELLO NETO, João Cabral de. **Poesias completas**. 3.ed. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1979.p.19-2.
- SCHNAPP, Jeffrey. **Lições de leitura: Agostinho, Proba e o detournement cristão da Antiguidade**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1995.
- ZILBERMAN, Regina. **O leitor e o livro**. Horizontes, Bragança Paulista, v.15, p. 21- 40, 1997.